

Artigo

O processo de aquisição da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental

The process of acquisition of the reading in the years you begin of the fundamental teaching

Analiésia Fernandes da Silva Barbosa, Francisco Pires Sobrinho, Francisco Tales da Silva, Almair de Albuquerque Fernandes, Milena Carneiro Reis e Patrícia Custódio Peixoto

RESUMO - O presente artigo destaca o processo de aquisição da leitura nos anos iniciais que é perpassado por caminhos ou níveis complexos até chegar ao pleno domínio. A leitura tem uma importância relevante na vida das pessoas, tendo em vista a relação que ela tem na vida cotidiana. A pesquisa mostra que a leitura é muito mais do que a mera decodificação de sinais gráficos. Implica na formação global do indivíduo que argumenta, constrói e reconstrói a realidade. Na escola, o professor tem a incumbência de ampliar o conceito de leitura oferecendo estratégias que visem desenvolver as habilidades necessárias nos alunos para a formação de bons leitores capazes de fazer uso da leitura nas diversas instâncias da sociedade. Objetiva investigar os níveis de compreensão de leitura identificando as dificuldades e compreender como se dá o processo de aquisição de leitura e sendo a natureza deste trabalho científico o estudo bibliográfico, para o qual foram utilizadas obras de diversos autores como suporte teórico.

Palavras-chave: Processo de aquisição da leitura. Níveis. Alunos. Escola.

ABSTRACT - The present article detaches the process of acquisition of the reading in the initial years that is perpassado for roads or complex levels until to full domain to arrive. The reading has a relevant importance in the people's life, tends in view the relationship that she has in the daily life. The research shows that the reading is much more than the mere decoding of graphic signs. It implicates in the individual's global formation that argues, it builds and it rebuilds the reality. In the school, the teacher has the incumbency of enlarging the reading concept offering strategies to seek to develop the necessary abilities in the students for the good readers' formation capable to do use of the reading in the several instances of the society. It lens to investigate the levels of reading understanding identifying the difficulties and to understand as it feels the process of reading acquisition and being the nature of this scientific work the bibliographical study, which several authors' works were used as theoretical support.

Keywords: Process of acquisition of the reading. Levels. Students. School.

*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 15/11/2018; aprovado em 02/01/2019.

¹Licenciada em Pedagogia pela UFCG Campus de Cajazeiras-PB/E-mail: clarice.anniny@hotmail.com

² Alunos do Programa de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais-PPGSA.

INTRODUÇÃO

A leitura tem uma importância relevante na vida das pessoas, tendo em vista a relação que a mesma tem na vida cotidiana. A leitura é essencial e tem uma grande valia, porque leva à aquisição e ampliação de conhecimentos, desenvolve o senso crítico, a oralidade e a capacidade de expressão. Proporciona, ainda, o alcance informações sobre diversos assuntos, além de ser meio de entretenimento e prazer para muitos.

Convivemos diariamente com a leitura e esta começa a ser introduzida na nossa vida desde o momento em que nascemos, quando começamos a sentir, perceber e entender o que nos cerca. A leitura é uma atividade complexa, constituída por múltiplos processos e a escola tem a incumbência de ampliar e transformar esses conhecimentos prévios em códigos com sons e formas que tomarão sentido e significado.

É a partir dessa ampliação da visão de mundo que podemos construir novas possibilidades de comunicação e inserção dos nossos alunos no universo cultural e letrado. No entanto, sabe-se que alfabetizar não é fácil, visto a complexidade que permeia este ensino. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de entender o processo da aprendizagem da leitura nos anos iniciais.

Este trabalho tem como objetivos investigar os níveis de compreensão de leitura identificando as dificuldades e compreender como se dá o processo de aquisição de leitura.

Para o aprofundamento do tema foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa e nível descritivo, a partir de leituras de texto, livros, artigos e revistas, com a contribuição de vários autores que deram sustentação a este trabalho, os quais se destacam: Ferreiro (1993; 1999; 1995), Martins (2004), PCN (Brasil, 1997), Feil (1985), Silva (2004), Antunes (2003, Soares (2008), Rangel (2005), dentre outros.

Para melhor sistematização, este trabalho está organizado da seguinte forma: a princípio, apresenta-se a introdução expressando a importância do trabalho e do tema sugerido como também a justificativa e a metodologia utilizada. Em seguida, o desenvolvimento dividido em três pontos principais, sendo o primeiro a abordagem dos diversos conceitos de leitura; o segundo ponto discorre sobre as estratégias da leitura e o terceiro expõe o processo de ensino-aprendizagem da leitura.

Por fim, apresenta as considerações finais e as indicações bibliográficas utilizadas para este estudo.

Investigar esse processo é favorecer o entendimento de situações de leitura e como esta se dá, ao mesmo instante em que orienta com eficácia a aprendizagem da leitura.

Leitura: situando os conceitos

Este trabalho tem como base os estudos de Emilia Ferreiro (1993, 1995, 1999) entre outros autores, que evidencia a aquisição de conhecimento pela criança como uma construção processual que vai muito além do acúmulo de informações. Para esta autora "a construção de um objeto de conhecimento implica muito mais que mera coleção de informações" (FERREIRO, 1995, p. 66).

A leitura é um processo de construção que não pode limitar-se apenas a decifração da escrita, mas comporta também

a capacidade de desenvolver e diversificar nossas visões e interpretações sobre o mundo e a vida como um todo.

De acordo com Martins (2004, p. 19) "Se o conceito de leitura está geralmente restrito a decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição, à sua capacidade para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural."

A leitura não pode mais ser encarada como um processo mecânico de decifração, mas uma elaboração ativa do pensamento em busca de compreensão. As atividades de leituras são difusas e confusas, porque muitas vezes constituem-se apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática e outras tarefas de ensino da língua.

Leitura é prazer e recreação, proporciona bem estar e vem acrescentar saberes para quem se dispõe a ler.

A leitura, desse modo nada tem a ver com a decifração linear e regular, que parte da primeira palavra da primeira linha. Ela varia de um leitor para outro. Nesse enfoque, Antunes (2003, p. 71) enfatiza que "A leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler por gosto de ler".

Nos estudos acadêmicos, esse processo significa a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto. No que diz respeito à escolaridade, a leitura é definida basicamente no ato de ler/escrever na qual não reflete de modo geral as particularidades do contexto social e muito menos consiste na atribuição e construção de interpretação da leitura na objetividade de alcançar as propostas básicas da compreensão.

Numa concepção mais contemporânea, a leitura é definida como um ato de construir significados para um texto escrito, onde há uma relação que se estabelece entre leitor e texto, na qual o leitor, através de algumas estratégias básicas, reconstrói um significado complexo do texto no ato de ler.

Conforme afirma Silva (2004, p. 45):

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.

A leitura é um instrumento bastante concreto, no qual deve ser inserido de forma integral no contexto escolar, tendo como objetivo principal formar pessoas leitoras e críticas que sejam capazes de argumentar e refletir as informações expostas nos livros, jornais, revistas e meios de comunicação em geral que transmitem, a todo momento, conhecimentos sobre diversos assuntos que fazem parte da cultura mundial.

No dizer de Freire (1996, p. 14):

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

Sendo assim ler implica não só aprender o significado, mas também trazer para o texto lido a experiência e visão de mundo do leitor. Existe, portanto, uma interação dinâmica entre leitor e texto, surgindo da leitura um novo texto.

Uma das maiores responsabilidades da escola e, talvez o seu maior desafio, seja o de oportunizar aos alunos a aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que a aprendizagem técnica, por si só, não contempla o processo mais amplo da apropriação da linguagem escrita. É um processo bastante complexo.

Segundo Soares (2008, p. 17):

A plena inserção no mundo da escrita, pelo exercício competente da leitura e da escrita, envolve pelo menos três complexas dimensões que se articulam e que se completam: uma dimensão lingüística, uma dimensão cognitiva e uma dimensão sociocultural.

A dimensão lingüística corresponde à conversão da fala em escrita que é o momento em que a criança domina o sistema alfabético e ortográfico. Um momento em que as crianças se sentem receosas e muito inseguras perante seus próprios julgamentos quando ainda não conseguem ler da forma correta.

O processo de aquisição do código e produção de significado e sentido que está relacionado à dimensão cognitiva envolve as atividades da mente em relação ao sentido da escrita. O texto precisa ter sentido para o leitor. Ele deve entender o que está sendo lido.

A dimensão sociocultural diz respeito ao ajuste das atividades de leitura e escrita às práticas sociais, ou seja, a leitura e a escrita devem se adequar ao mundo sociocultural da criança.

Segundo Feil (1985, p. 65), "para tornar viável a leitura como um processo de relação entre o domínio da mecânica e o pensamento, é absolutamente necessário recorrer ao método natural, trazendo a vida para dentro da escola". É preciso que haja interação da leitura em situações reais, partindo do cotidiano e das necessidades da criança.

Segundo os PCN (BRASIL, 1997, p. 56), "para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato". Isto é, para ter uma aprendizagem expressiva da leitura é preciso ter contato com textos vivos, reais e significativos desde o início da fase escolar para que a criança adquira a capacidade de fazer uso cotidiano das diferentes práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade.

Dessa forma, "a leitura é um objeto de uso social, com uma existência social (e não apenas escolar)" (FERREIRO, 1995, p. 37). A leitura não pode ser apreendida apenas para fins escolares e acabar na escola. Ela, associada à escrita, compõe um objeto social. Sendo percebida como prática escolar, muitas vezes, fica esquecida quando a criança deixa a escola.

O indivíduo atinge o pleno domínio da leitura quando há uma relação entre o seu conceito e sua aprendizagem. Dessa forma, o domínio de habilidades de leitura é condição essencial para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo, deve formar o sujeito para viver e atuar na sociedade.

A leitura deve, então, propiciar o desenvolvimento de habilidades e valores necessários à qualidade de vida, à participação social e à autonomia para continuar aprendendo. É fundamental entender que, na formação de cada cidadão, a leitura é de máxima importância, pois se revela como uma das vias no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural.

Estratégias de leitura nos anos iniciais

Nas sociedades letradas, as crianças convivem desde cedo, com materiais impressos ricos e variados, que estimulam e provocam sua curiosidade, fazendo com que cheguem à escola trazendo muitas hipóteses e conhecimentos construídos sobre ler e escrever. "A criança que cresce em um meio letrado está exposta à influência de uma série de ações. E quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações" (FERREIRO, 1995, p. 59). A criança é privilegiada ao conviver num ambiente letrado, já que este influencia no seu processo de aprendizagem.

Já no meio rural, Ferreiro (1995, 1999) diz que as crianças estão em prejuízo em relação às urbanas, uma vez que o espaço rural não favorece o processo de leitura, onde a escrita não é tão presente como no meio urbano. Diante disso, percebe-se a grande importância de uma sala de aula ter os mais variados tipos de textos. A autora comenta que "torna-se grave precisamente quando o ambiente escolar é praticamente o único ambiente alfabetizador existente" o que dificulta a realização das atividades e, conseqüentemente a aprendizagem.

O hábito da leitura é muito importante para o desenvolvimento e para a construção do conhecimento do aluno, e o professor deve incentivar, questionar, interagir. Além disso, o desafio de ler faz com que o aluno raciocine ao qual permite a descoberta e passe a elaborar hipóteses sobre o que está estudando.

É preciso tornar a leitura significativa e atraente de modo que contribua para a formação de bons leitores capazes de fazer uso da leitura nas diversas instâncias da sociedade, isto é, usar como meio de produção de conhecimento para a vida tanto em termo profissional e também como fonte de informação para o cotidiano.

Para despertar o interesse infantil pela leitura muita coisa pode ser feita. O mais cedo possível, ler história infantil e oferecer livros para a criança folhear. Nesse aspecto, a leitura tem uma função lúdica e os pais devem praticar esse ato para as crianças.

Diante da perspectiva de leitura é essencial determinar as práticas de leituras nas aulas ao qual consiste nas atividades compartilhadas entre o adulto e as crianças, nas quais o adulto assume a função de agente mediador entre o texto e a criança, que ainda não é considerada leitora nem escritora. Na aula de leitura principalmente em estágios iniciais, o professor deve assumir papel de mediador entre o aluno e o autor. Nessa mediação, ele pode fornecer modelos para atividade global, como por exemplo, fazer perguntas ou comentários sobre o texto o que possibilita para a criança mais aprendizagem.

De acordo com Martins (2004, p. 35):

Se o papel do educador pareceu aqui em evidência, ele foi trazido à baila para ser colocado em seu devido lugar e compreendido não necessariamente como o do especialista em educação ou do professor, mas como o de um indivíduo letrado que sabe algo e se propõe a ensiná-lo a alguém, isto é, um mediador de leituras.

Vale ressaltar que a leitura em voz alta é importante na hora de ler historinhas, fábulas, etc. Um fator essencial é que ao

ler livros, o adulto alterna a leitura e o diálogo com as crianças, direcionando a atenção delas com o livro. Quando estiver lendo é preciso denominar as ilustrações, ou seja, mostrar os desenhos e perguntar o que é, para que eles conheçam as figuras como também é uma maneira de colaborar na compreensão da leitura. A leitura diária é um bom começo porque permite as crianças um contato com a linguagem formal dos livros e com o texto escrito que as motiva a aprendizagem.

O aluno precisa conviver com outros materiais além do próprio livro didático, para se familiarizar com vários gêneros textuais (histórias, poemas, travas, canções, jornais, gibis, programas e notícias etc.), enfim as possibilidades de trabalhar a leitura são imensas e cabe ao professor escolher o método ideal para aplicar nas aulas e que agrade as crianças, deixando a rotina das aulas mais interessantes.

Conforme expõe Orlandi (1987, p. 85): “Penso que é muito mais fácil ler um texto sobre um assunto interessante, porque você se envolve e fica motivado. Mesmo quando a linguagem é complicada você não desiste.”

Para o aluno obter sucesso na leitura é fundamental a participação do professor durante o processo. Ele não deve ler um texto só para preencher aula, mas fazer com que as crianças entre no mundo do texto, participem da leitura de muitas maneiras, olhando as imagens enquanto o professor ler a historinha, aprendendo a reproduzir respostas verbais, imitando os personagens, comentar com os colegas sobre o discurso da narrativa, etc. A prática de leitura trás para o aluno um mundo novo repleto de coisas diferentes e desconhecidas e que estes o descubrem a medida que vão lendo, e também é uma forma de explorar a criatividade do aluno.

Outra estratégia de leitura muito interessante é induzir o aluno a realizar uma leitura silenciosa. Acontece que nesse tipo de leitura, há uma melhor atenção por parte do aluno que por sua vez apreende de forma mais rápida e significativa, pois há uma maior concentração e menor probabilidade do erro.

Como afirma Rangel (2005, p. 21):

A leitura silenciosa favorece o reconhecimento da apreensão rápida da palavra, da adivinhação do material periférico, o que não acontece quando o aluno lê o texto, já na primeira leitura em voz alta. Essa estratégia induz ao erro, o que não quer dizer que haja um problema de compreensão.

Enfim, as estratégias são infinitas e oferecem muitas possibilidades de ampliação de leituras em sala de aula. Essas atividades consistem num meio de fazer com que as crianças participem da leitura exercendo o papel enquanto leitora e assim, acabam construindo com a inserção através do mundo do conhecimento e as deixam mais informada a respeito do que acontece na sociedade.

O processo de ensino-aprendizagem da leitura

O indivíduo atinge o pleno domínio da leitura quando há uma relação entre o seu conceito e sua aprendizagem. Dessa forma, o domínio de habilidades de leitura é condição essencial para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo, deve formar o sujeito para viver e atuar na sociedade.

A leitura deve, então, propiciar o desenvolvimento de habilidades e valores necessários à qualidade de vida, à participação social e à autonomia para continuar aprendendo. É fundamental entender que, na formação de cada cidadão, a leitura é de máxima importância, pois se revela como uma das vias no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural.

Para Ferreira e Dias (2002, p. 4):

Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas. É ele quem inscreve ou reinscreve o significado do escrito a partir de sua própria história.

A partir da leitura o sujeito é capaz de ouvir, analisar criticamente diferentes discursos, expressar idéias próprias com clareza, enfim, a leitura se configura como um poderoso instrumento de libertação na vida do homem.

A leitura é um processo contínuo na vida do ser humano e durante todo o seu processo de aprendizagem, a criança passa por estágios de confusão cognitiva, quando ela deverá aprender algumas letras, identificar globalmente algumas palavras e refletir sobre, reconhecer que é necessário identificar palavras para se chegar ao sentido do que está escrito, enfim, todas estas descobertas parecem ser as tarefas mais complicadas que ela tem de enfrentar até a aquisição do pleno domínio da leitura. "A leitura também, como não poderia ser diferente, passa por fases que devem ser observadas antes de pretendermos exigir da criança uma leitura que esteja além ou aquém de suas capacidades" (FEIL, 1985, p. 66).

A criança não aprende de repente. Ela passa por fases que vão se evoluindo com o passar do tempo, com a evolução do pensamento.

São as fases:

Primeira infância (15/18 meses aos 3 anos) que é caracterizada pelo movimento e emotividade. A criança tem a necessidade de contatos afetivos e inicia-se a conquista da linguagem.

Segunda fase (3 aos 6 anos) é a fase da pré leitura caracterizada pela fantasia e pela imaginação e, portanto, lúdica. Nesta fase a linguagem já está estável.

Terceira fase (6 aos 8 anos) é o período do processo de alfabetização onde a criança já tem o pensamento racional e social. Ela começa a pensar antes de agir.

Existe uma preocupação por parte dos pais em relação à aprendizagem da leitura e da escrita dos filhos a partir do momento em que eles ingressam na escola. Fica claro que, a leitura deve acompanhar e se adequar a cada fase de desenvolvimento da criança. Não adianta querer que a criança se alfabetize repentinamente.

Segundo Feil (1985, p. 69):

Os pais que exigem alfabetização precoce poderão prejudicar o desenvolvimento futuro de seus filhos, pois estarão impedindo que a criança passe por todas as fases de desenvolvimento de seu pensamento.

A criança precisa de "espaço" para fazer suas produções espontâneas. É através dessas produções que começa todo o processo de leitura e escrita. As escritas infantis conceituadas como garatujas podem fornecer preciosas informações de como a criança está aprendendo. Começa-se, então, o processo de alfabetização.

O processo de alfabetização passa necessariamente por quatro níveis caracterizados por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985) pelas hipóteses pré-silábicas, silábica, silábico-alfabético e alfabético.

No primeiro nível, a princípio, a criança não faz relação entre a escrita e a fala. A escrita representa o nome do objeto, tendo o desenho como apoio da escrita. Não há um critério definido de quantidade de sinais gráficos para uma palavra e, portanto, a escrita não é interpretável. "A aparência gráfica não é garantia de escrita, a menos que se conheçam as condições de produção" (FERREIRO, 1995, p. 18). Ou seja, é preciso aprender a interpretá-las, o que se exige um profundo esforço de estudos teóricos.

Num segundo momento desse nível sinais gráficos tomam forma e se aproximam das letras convencionais ampliando o repertório de gráficos, a escrita passa a ter uma variedade de letras e nenhum escrito pode ter ao mesmo tempo a mesma letra. A partir desse momento se inicia um critério de quantidade mínima de letras para que torne possível a leitura da palavra. Ou seja, "a criança elabora, igualmente, critérios que tornam uma série de letras passíveis de transmitir uma mensagem" (SILVA, 2004, p. 189). A leitura é global, assim cada letra vale como parte do todo e não tem valor em si mesma.

O segundo nível, o silábico, avança para a qualidade e a quantidade de letras entre as palavras, ou seja, há uma variação da ordem das letras, diferenciando uma palavra da outra de modo que seja interpretável, garantindo as diferenças na representação das palavras. Mantém-se o critério de quantidade mínima de letras para escrever as palavras existindo uma preocupação com as partes que compõem uma palavra. A escrita representa os sons da fala embora, muitas vezes, qualquer letra represente um som, inclusive sinais gráficos distantes das formas das letras. A escrita aqui continua incompreensível pelos outros.

Segundo Silva (1998, p.15) "a hipótese silábica é uma construção da criança, que não é transmitida pelos adultos e pode coexistir com formas estáveis, isto é, palavras que a criança aprendeu a escrever globalmente". É uma etapa em que se ampliam os conflitos, uma vez que as letras começam a adquirir valores sonoros e surgem as contradições entre a interpretação silábica e as escritas dos adultos (que terão mais letras do que a hipótese silábica).

O terceiro nível representa a transição entre a hipótese silábica e a alfabético. Representa a fonetização da escrita, quando a criança procura relacionar a totalidade da palavra e suas partes fazendo a correspondência entre a letra e seu valor sonoro, embora nem todos os fonemas das palavras sejam representados, ou seja, a criança escreve parte da palavra com uma letra (porque basta para escrever uma sílaba) e outra parte analisando os fonemas.

O quarto e último nível do processo de aquisição da escrita culmina com a compreensão do mecanismo da escrita, quando a criança descobre que uma sílaba pode ter mais de uma letra e faz total correspondência entre grafia e fonema.

Sabe-se o quanto é difícil o papel do professor alfabetizador. Sua tarefa é árdua, visto que ele deve estar atento às diversas fases caracterizadoras de seus níveis de desenvolvimento oral, escrito e, sobretudo, lingüístico.

Como afirma Orlandi (1987, p. 12):

Aqueles que formam leitores desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força da reprodução e, ao mesmo tempo do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura [...]

Educadores comprometidos com a transformação social e com a formação de cidadãos conscientes fazem um plano ou projeto voltado para o fortalecimento da alfabetização e, conseqüentemente para uma leitura eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura no seu sentido geral amplia nossos horizontes e nos transporta ao mundo da imaginação, sem contar os conhecimentos mil que acabamos adquirindo quando mergulhamos em universos desconhecidos. Mediante sua complexidade, a leitura revela um leque de possibilidades relativas ao processo de ensino aprendizagem.

Dessa maneira, acredita-se que é o trabalho do professor em sala de aula é essencial para dar sentido a esse processo e torná-lo significativo para a vida do aluno.

Considerando que o aluno é um ser pensante, é preciso propor atividades variadas que o induzam e o encorajem a julgar, refletir sobre o que está sendo lido. As atividades devem estar relacionadas ao interesse e a necessidade do aluno.

Vale salientar que cada criança é única e nenhuma delas aprende igual a outra.

Conclui-se que, durante todo o processo de aprendizagem da leitura, cada uma aprende de uma forma, com jeitos e tempos diferentes, portanto não se pode equalizar o processo de ensino-aprendizagem de todas as crianças. Cabe ao professor saber entender e atender as dificuldades se cada um com novas e diversificadas estratégias de ensino.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Paraíba Editorial, 2003.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 153 - 69.
- FEIL, Iselda Terezinha Sausem. **Alfabetização: um desafio novo para novo tempo.** 7. ed. Rio Grande do Sul: Vozes, 1985.
- FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A escola e o ensino da leitura. In: **Psicologia em estudo.** W.7, n° 1. Jan/jun. 2002. Acessado em: 9/9/2008.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Com todas as letras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15 - 36.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. Coleção Questões da Nossa Época. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara. Um modelo de descrição da leitura. In: **Como facilitar a leitura**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli: **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOUSA & SILVA, Maria Alice S. **Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização**. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SOARES, Magda. O que funciona na alfabetização. In: **Revista Pátio**. Ano XII, nº 47. ago/out 2008.